

## QUAL O ESPAÇO DO T-LOVER?: O ARMÁRIO NO CONTEXTO DO CIBERESPAÇO

WHAT IS THE T-LOVER'S SPACE?: THE CLOSET IN THE CONTEXT OF CYBERSPACE

¿CUÁL ES EL ESPACIO DEL T-LOVER?: EL ARMARIO EN EL CONTEXTO DEL CIBERESPACIO

### RESUMO

Neste artigo buscamos compreender qual é o espaço dos t-lovers, sujeitos que na busca pela manutenção dos padrões masculinos dominantes e cis-heteronormativos encontram na sociedade “off-line”, maneiras de dar novos contornos ao armário proposto por Sedgwick (2007). Pensar o armário no contexto do ciberespaço é peça-chave para entender as múltiplas masculinidades performadas pelos mesmos indivíduos em diferentes espacialidades. Dessa forma, o anonimato converte-se em tática para que possam manter relações com as t-gatas sem ferir os símbolos atribuídos ao que foi construído como “ser homem”. Nas pesquisas em gênero e sexualidade, frequentemente, recorre-se ao uso de uma metodologia que contemple eventos e narrativas vivenciadas pelos próprios participantes, por isso no presente trabalho optou-se pela utilização da análise do discurso.

**Palavras-chave:** T-lover; Armário; Ciberespaço; Masculinidades; Virtualidade.

### ABSTRACT




In this article, we seek to understand what is the space of the t-lovers, subjects that in the search for the maintenance of dominant male and cis-heteronormative standards of the “off-line” society, give new outlines to the closet proposed by Sedgwick (2007). To think the closet in cyberspace context is key piece for understanding the performed masculinity multiples for the same individuals in different spatiality. Thus, the anonymity has become like a tactic to they maintain relationships with the t-cats without hurting the symbols attributed to what was constructed as “being man”. In gender and sexuality research is frequently used a methodology that contemplate events and narratives experienced by the own participants. So, in this paper used the discourse analysis methodology.

**Keywords:** T-Lover. Closet. Cyberspace. Masculinities. Virtuality.

### RESUMEN

En este artículo buscamos entender cuál es el espacio de los t-lovers, sujetos que en la búsqueda del mantenimiento de los estándares masculinos y cis-heteronormativo de la sociedad “off line”, dan nuevos trazos al armario propuesto por Sedgwick (2007). Pensar el armario en el contexto del ciberespacio es pieza clave para comprender las muchas masculinidades realizadas por los mismos individuos en diferentes espacialidades. De esta manera el anonimato se convierte en una táctica para mantenerse las relaciones con las t-gatas sin herir los símbolos asignados a lo que fue construido como “ser hombre”. En la investigación de género y sexualidade, con frecuencia, se utiliza una metodología que contempla eventos y narrativas vividas por los propios participantes. Debido a esto, se utilizó como metodología el análisis del discurso.

**Palabras-clave:** T-Lover. Armario. Ciberespacio. Masculinidades. Virtualidad.

 Ivan Ignácio Pimentel <sup>a</sup>  
 Ana Carolina Santos Barbosa <sup>b</sup>  
 Jeziel Silveira Silva <sup>a</sup>

<sup>a</sup> Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, MG, Brasil

<sup>b</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

DOI: 10.12957/geouerj.2021.55134

Correspondência: ivanpimentel@ufs.ju.edu.br

Recebido em: 8 out. 2020

Aceito em: 20 ago. 2021



## INTRODUÇÃO

A partir da década de 1980, vivenciaram-se diversas conquistas dos movimentos LGBTQIA+, de parcela da sociedade civil e de intelectuais que, engajados, conseguiram mostrar a existência de uma sociedade plural, questionando o olhar biologizante, restrito a uma concepção que patologizou identidades e que determinou os papéis do sujeito a partir de uma perspectiva que atravessava sexo e gênero. Por isso, entende-se a importância de revisitar construções sociais cristalizadas por meio da lógica binária essencialista estigmatizante e de pensar uma sociedade plural.

Através do diálogo<sup>1</sup> entre Butler (2003) e Trevisan (1986), mesmo que as perspectivas epistemológicas sejam completamente diferentes, percebe-se que ambos contribuem para o não vislumbamento de que todas as conquistas obtidas por movimentos sociais, que têm como pauta questões de gênero e sexualidade, foi capaz de construir e proporcionar para criar uma sociedade mais harmoniosa e menos preconceituosa, tornando a “outricidade” (SILVA, 2013), uma perspectiva do passado. Em outras palavras, observa-se que o mundo utópico de Thomas More (1997) ainda permanece no plano abstrato, pois na realidade, mesmo na aurora do século XXI, temos uma sociedade conservadora que através de um “messias” propaga de forma violenta, agressiva e desrespeitosa o essencialismo binário que correlaciona de forma direta gênero à sexualidade.

A sociedade é construída por sujeitos e sujeitas que vivem realidades as quais fogem dos padrões estabelecidos para os indivíduos binários, fazendo com que se repense os modelos padronizados do “ser ou não ser”, pois ao se deparar com a realidade, constata-se a existência de múltiplos sujeitos, de variadas feminilidades e masculinidades. Mesmo que para muitos isso seja aparentemente óbvio, o avanço do conservadorismo no contexto brasileiro, reitera padrões excludentes desde a mais tenra idade, vide o slogan que ganhou notoriedade: “Meninos vestem azul, meninas vestem rosa”. A pauta de defesa da família (cis-heteronormativa) é contraposta, nesse cenário político, ao direito de ser quem se é.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo central entender como os sujeitos t-lovers dão outros contornos ao armário proposto por Sedgwick (2007), visto que o ciberespaço se torna uma importante espacialidade ao reconfigurar o cotidiano on-line e off-line desses sujeitos. Para isso, estabelece-se como

---

1 Em Butler (2003), contemplamos uma citação que retrata o perigo de adotarmos, mesmo em movimentos sociais uma perspectiva essencialista. Isso pode ser observado quando ela diz que “há o problema político que o feminismo encontra na suposição de que o termo mulheres denote uma identidade comum. Ao invés de um significante estável a comandar o consentimento daquelas a quem pretende descrever e representar, mulheres – mesmo no plural – tornou-se um termo problemático, um ponto de contestação, uma causa de ansiedade” (BUTLER, 2003, p. 20). Da mesma forma, Trevisan (1986) aborda a identidade a partir da tentativa de criação de uma “identidade guei”. Para o autor, “na esteira as reflexões de Michel Foucault, sobretudo, esses estudiosos partiam do pressuposto de que o liberacionismo homossexual incentivava a formação de uma “identidade guei” e, portanto, estaria reinstaurando a função normatizadora dos médicos e psiquiatras, por colocar a sexualidade dentro de definições e categorias estritas [...].O máximo da prática que tais críticas conseguiram foi a máxima: “Não sou homossexual, estou homossexual” – ostentada como signo de modernidade em certos grupos intelectuais gueis até então” (TREVISAN, 1986, p. 370).



objetivo específico analisar a identidade t-lover a partir de múltiplos olhares, trazendo à luz os tensionamentos entre a masculinidade hegemônica e os padrões cisnormativos impostos.

Considerando o objetivo proposto, pode-se observar que através da correlação entre o ciberespaço e o território de prostituição de travestis na Avenida Augusto Severo, busca-se contemplar tal território mediante um olhar contextualizado, procurando compreender que a dinâmica do mundo virtual provoca rupturas e transformações que envolvem o comércio do corpo.

Os estudos envolvendo o território de prostituição e o campo científico geográfico brasileiro têm se desenvolvido a partir das contribuições de Ribeiro (1995) que abordou a dinâmica territorial de prostituição na área central do Rio de Janeiro. Em diálogo, recordamos das inserções de Souza (1995, p. 88) que, ao abordar “territorialidades flutuantes ou móveis”, reconhece as relações de poder e a instituição de territórios para além da escala nacional, por meio do exemplo da prostituição.

Vale ainda lembrar do pioneirismo de Ornat (2008 e 2011) ao abordar o território de prostituição e a identidade travesti na dissertação de mestrado intitulada “Território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa – PR”. Tal discussão foi alargada na tese de doutorado a qual propõe um território descontínuo paradoxal de prostituição, abarcando as relações de poder e resistência que interconectam múltiplas escalas espaciais, a partir das trajetórias das travestis sujeitas da pesquisa.

Nossa contribuição, entretanto, vai no sentido de (re)pensar essa dinâmica, de acordo com as relações estabelecidas entre a concretude do território instituído na avenida Augusto Severo e a virtualidade que compõem o mesmo recorte, dando novos contornos à prática de prostituição. Além disso, trazemos outros atores para o centro da cena, pois entendemos que por meio dos t-lovers podemos contemplar os estudos sobre múltiplas masculinidades e as geografias contidas nas suas trajetórias.

Para a execução do trabalho foram realizadas entrevistas com 36 interlocutores que se reconhecem como: homens cisgêneros t-lovers (10), homens cis-homossexuais (8), homens cis-heterossexuais (10) e mulheres trans e travestis (8). Seja na sociedade contida dentro do espaço on-line (virtual) ou no espaço off-line (real), termos utilizados por Pelúcio (2019), sempre nos identificamos como pesquisadores, deixando nítidos os nossos posicionamentos e os cuidados éticos envolvidos no desenvolvimento do estudo e na garantia do anonimato dos colaboradores. Com os t-lovers, seis entrevistas aconteceram virtualmente, através do “*Fórum Elite Acompanhantes*”, e duas ocorreram em um restaurante no bairro da Glória, situado na zona sul do Rio de Janeiro. Estas foram efetuadas entre 2015 e 2019. As entrevistas com 10 homens cis-heterossexuais sucederam-se no ano de 2018, após a realização de diversas partidas de futebol. Observou-se



que este seria um momento oportuno, pois devido a “estar entre homens”<sup>2</sup>, como muitos alegaram, sem dúvidas se sentiram à vontade para expressar suas opiniões e visões sobre travestis e t-lovers, já que todos residem nas proximidades da Avenida Augusto Severo no bairro da Glória. Os 8 homens cis-homossexuais entrevistados se denominaram “assumidos” e foram abordados em diversas situações e espacialidades, que vão da casa do interlocutor aos deslocamentos para as boates. As entrevistas com as mulheres trans e travestis também se deram em diferentes espacialidades. Assim, para a elaboração do trabalho, contactou-se cinco travestis no território de prostituição da Avenida Augusto Severo entre 2015 e 2019 e uma mulher trans em dois momentos. O primeiro ocorreu em um restaurante situado no bairro da Glória em 2015 e o segundo em um bar no bairro da Penha, zona norte do Rio de Janeiro, em 2019. Por último, houve uma conversa, em 2019, com uma mulher trans e uma travesti, as quais são amigas, na própria casa da travesti, também situada no bairro da Penha.

Diante de uma pesquisa desafiadora e ao mesmo tempo instigante, optou-se pelo uso da análise do discurso, pois conforme assinala Rocha-Coutinho (2006), as pesquisas de gênero não podem desconsiderar a experiência ou até mesmo o envolvimento pessoal do pesquisador. Para a autora, esses elementos são relevantes e incluem emoções e eventos como os experimentados pelos participantes da pesquisa. Assim, parte-se do pressuposto de que não há uma perspectiva neutra, conforme buscou Vidal de La Blache, segundo Moraes (2007). Para se chegar a uma “autenticidade intelectual”, acredita-se que todo conhecimento é socialmente construído e se faz presente em grande parte dos estudos de gênero e sexualidade. Assim, todo conhecimento é contextual e pluralista e o essencialismo é descolado do sujeito.

O uso da análise do discurso possibilitará que através das diferentes narrativas se entendam algumas ideologias dominantes e as bases para a abjeção dos que, nesse contexto, são classificados como “não sujeitos”, o que é reproduzido em diferentes tipos de discurso e espacialidades. Dessa forma, segundo Orlandi et. al. (2009, p. 42-43), “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas ‘tiram’ seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem é necessário ouvir não apenas o que as pessoas reais dizem de suas vidas concretas, mas também como elas o dizem e porque o fazem desta forma”.

Visando atingir os objetivos central e específico, no primeiro momento foi realizada uma abordagem teórica que buscou contemplar a temática identidade e masculinidades, a fim de melhorar a compreensão do sujeito t-lover. Assim, realizou-se um debate sobre a identidade t-lover, a partir de uma reflexão que envolvesse múltiplas masculinidades. Para isso, fez-se necessário um diálogo com Badinter (1993), Silva

---

<sup>2</sup> As entrevistas realizadas com os homens cis foram feitas por um dos autores desse trabalho, em função das redes já desenvolvidas desde o período do doutoramento.



(2013), Connell & Messerschmidt (2013), Butler (2003) e Gontarek e Silva (2020), uma vez que todos os citados vêm contribuindo para reflexões que evocam a existência de múltiplas masculinidades.

No segundo momento do texto, foi necessário trazer à luz os olhares de homens heterossexuais cis, homens homossexuais cis, mulheres trans e travestis a respeito dos t-lovers, compondo uma teia de poder na qual existe uma reprodução das estruturas cis-heteronormativas e, por conseguinte, ratificando muitas vezes formas de estigmatização. Segundo Gondim e Fischer (2009), um mesmo significado se manifesta em sentidos circunscritos a produções discursivas oriundas de inserções no mundo social. Assim, cada grupo, com suas especificidades, tende a olhar o outro como um estranho, já que a fala e a ideologia por ela proferida são realizadas a partir de um mundo em que seus corpos são inscritos, construindo um modo específico de ver e agir, que serve como parâmetro de comparação entre o “nós” e o “eles”.

Por fim, realizou-se uma abordagem que buscou contemplar o “armário da sexualidade” à luz do ciberespaço, espacialidade que proporciona a criação de comunidades que vivenciam, na face oculta do seu cotidiano, a multiplicidade do “mundo t”. Dessa forma, a gramática à qual recorrem t-lovers e t-gatas expressa táticas para se referirem às relações sexuais que os envolvem. Espera-se que o presente artigo simbolize um avanço teórico em relação ao “armário” de Sedgwick (2007), uma vez que os armários do mundo contemporâneo não mais representam unicamente um espaço de repressão, solidão e tristeza. Ao se transformarem pelos adventos tecnológicos, configuram uma nova dimensão espacial na qual ganham centralidade a exibição identificada pelo “show do eu”, ou seja, a espacialidade de ocultamento ganha novos contornos a partir da possibilidade de criação de um espaço em que o sujeito t-lover pode ser quem deseja, livre dos constrangimentos impostos na sua vivência cotidiana off-line. É interessante notar que o “show do eu” cria uma dinâmica de status diretamente relacionada à exposição da sua imagem em relações sexuais com travestis ou mulheres trans, a qual também pode ser vista nos relatos em grupos de WhatsApp ou Fóruns específicos.

Nesses espaços, os t-lovers realizam um verdadeiro show, mostrando toda a sua performance sexual, fomentando assim possibilidades de trocas, diálogos e aconselhamentos. O espaço outrora individualizado transformou-se em um local que possibilita uma vivência em grupo, ou seja, reúnem-se pessoas que compartilham os mesmos desejos, medos, alegrias e angústias. Por conseguinte, tornar esse espaço legível a partir do ponto de vista dos t-lovers representa um importante passo para refletirmos sobre a sociedade no contexto do ciberespaço.



## A identidade t-lover: um diálogo sobre masculinidades

*Quando a vejo deitada sobre minha cama, despida de pudor e com aquele rostinho semi acordado e angelical, meu corpo reage imediatamente: quero fudê-la!*

*Construo trajetos com meus lábios do pescoço ao caminho da felicidade. Ela segura minha cabeça e se contrai toda, já a vejo durinha. Toco-a com minha boca e a chupo pra ver seus olhinhos virarem de tanto prazer.*

*O corpo dela reage e se contrai, gritando claramente: me come!*

*Essa menina me enlouquece, mas nossas loucuras jamais passarão de 4 paredes, tenho minha família e não quero comprometê-los a essa situação, por isso nossos toques só fluem na escuridão...<sup>3</sup>*

A partir do texto inicial de um sujeito que se intitulou “t-lover oculto”, constata-se que as sociedades, ao longo do tempo, estabeleceram como critério central a caracterização identitária por meio de um modelo pautado de gênero, sexualidade, raça e religião dominantes, o qual é atravessado por diferentes cizânias que produzem diversas “posições de sujeito”. Para Stuart Hall (2000), se tais sociedades não se desintegram totalmente, não é porque elas são unificadas, mas porque as diferentes posições do sujeito, consideradas antagônicas podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articuladas.

O debate que motiva a primeira parte do trabalho, pautado em elementos que envolvem a forma dominante e estrutural como foram constituídos gênero e sexualidade, nos direciona ao seguinte questionamento: é possível pensar as masculinidades concretas, vividas pelos t-lovers, a partir da concepção hegemônica de masculinidade?

Para responder à pergunta, inicialmente busca-se compreender a etimologia da palavra identidade que, segundo Ferreira (1975, p. 743), se origina “[do lat. *escolástico identitate*.] S.f. I. Qualidade de idêntico (...). 2. Conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, defeitos físicos, impressões digitais etc.”. Não muito diferente, no dicionário de filosofia proposto por Japiassu & Marcondes (2001, p. 99), “identidade (lat. *tardio identitas*, de *idem*; o mesmo)” é a “relação de semelhança absoluta e completa entre duas coisas, possuindo as mesmas características essenciais, que assim a mesma. (...) opõe-se à diferença”.

A partir da origem da palavra identidade, percebe-se que tal termo pressupõe uma “semelhança essencializada”, absoluta e completa com algo que lhe é igual, opondo-se à ideia de diferença. A oposição faz da identidade sempre algo relacional, que ao mesmo tempo proporciona a criação de um padrão e, por conseguinte, a definição do “outro” mediante o “eu”. Para melhor ilustrarmos a questão identitária, neste momento inicial, exploraremos essa temática buscando trazer as múltiplas masculinidades à luz da existência.

---

3 Relatos e Confidências de um t-lover usuário do site: <http://www.familiaststronger.com/confidencias-de-um-t-lover/>. Acesso em: 20 de abril de 2020.

De forma rápida e espontânea, ao iniciarmos a conversa sobre identidade masculina em conjunto com nossos interlocutores homens cis-heterossexuais, observamos em suas falas palavras como honra, virilidade, força, brutalidade e disposição. Nesse sentido, foram apontados vocábulos que remetem à essencialidade da identidade masculina, contemplando atos e gestos que vão se contrapor, de forma estática (acabada), à feminilidade que, nesse contexto, carrega consigo referências à fragilidade, à docilidade, à delicadeza ou ao cuidado, conforme aborda Silva (2009).

De maneira oposta, a perspectiva essencialista que fundamenta seus pressupostos na “defesa de um ser único e universal”, argumenta-se em prol da existência de múltiplas masculinidades. Segundo Badinter (1993), a partir da não existência de um modelo masculino único para todos os tempos e lugares, a masculinidade não está isenta das inúmeras transformações sociais. A perspectiva tempo/espaço torna-se fundamental para compreendermos as masculinidades plurais - *men's studies*, ou seja, representa uma concepção na qual se rejeita a ideia de uma masculinidade única (BADINTER, 1993).

Ao pensar sobre a existência de uma masculinidade hegemônica em detrimento de masculinidades plurais, também se torna necessário um breve diálogo com a visão do *Gender and Power* (CONNEL & MESSERSCHMIDT, 2013), pois:

*a masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens* (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

Ao ditar as regras e normas comportamentais, o modelo hegemônico invisibiliza muitas masculinidades existentes. Assim, se estabelece um padrão o qual determina, de forma universal, que “homem que é realmente homem” pode ser assim considerado a partir da forma de agir, se comportar e até de gesticular. Associando a palavra “homem” a um conjunto de fatores socialmente construídos, limitando o mundo a uma perspectiva masculina capaz de apontar as experiências que determinam o ser e estar no mundo. Para Gontarek e Silva (2020):

*a figura de masculinidade hegemônica é de um homem cisgênero, forte, branco, com alto poder aquisitivo, provedor de sua família. Entretanto, a elaboração deste ideal é constantemente tensionado nas relações com outros sujeitos que não se enquadram nessa perspectiva, criando a marginalidade de outras formas de masculinidades que não se encaixam no modelo vigente da sociedade ocidental* ((GONTAREK E SILVA, 2020, p.195).

Por conta do essencialismo em torno da palavra “homem” e do diálogo com Badinter (1993), Connell & Messerschmidt (2013) e Gontarek e Silva (2020), questiona-se a predominância de um discurso cristalizado em torno do “ser homem” em pleno século XXI. Para os autores em tela, a multiplicidade de seres é algo



latente na sociedade, dissociando o conceito de masculinidade de uma tipologia estática. Assim, ao se propor a existência de múltiplas masculinidades, um sujeito ainda pouco debatido na geografia – o t-lover – emerge como uma dentre as muitas masculinidades existentes, efetivadas a partir de relações no espaço real concreto (territórios de prostituição e privês) ou espaço virtual (fóruns especializados e redes sociais, como os grupos do *WhatsApp*).

Levando em consideração a metodologia escolhida, estabelecer contato com t-lovers em diferentes espacialidades foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho, pois “se a análise de discurso consiste em evidenciar os sentidos dos discursos, levando em conta suas condições de produção sociais, históricas e ideológicas, é preciso ir além do texto e encontrar as condições que o produziram para se ter acesso ao sentido” (GONDIM E FISHER, 2009, p. 12). Através da fala de todos os t-lovers, no espaço real ou virtual, constatou-se que este grupo se autodefine como homens que se sentem atraídos por travestis ou mulheres trans que, segundo eles, formam o chamado “terceiro gênero” ou a “mulher perfeita”, uma vez que esteticamente possuem formas femininas com “algo a mais que os preenche”, pouco importando a posicionalidade dos corpos durante o ato sexual. Através dos t-lovers Siena e Cobalt, observa-se que ser t-lover:

*É sentir atração sexual por travestis, mas vai além de só isso - a atração sexual é só a condição básica inerente a todos os t-lovers. Em geral, a maioria dos t-lovers gosta tanto de mulher quanto de travesti, e em alguns poucos casos só de travestis. Poucos são os que também saem com homens. Sou atraído pela beleza de um "terceiro gênero" fabricado à base de plásticas e o contraste do corpo feminino com a genitália masculina (T-lover Siena, 49 anos).*

*É ser um admirador e respeitador das T-gatas. Os t-lovers são admiradores apaixonados comumente ocultos, homossexual é opção sexual. Eu, por exemplo, me sinto atraído pelas travestis devido o corpo avantajado, as roupas, o jeito e o caráter que algumas têm. A coragem de se assumir no corpo feminino (T-lover Cobalt, 29 anos).*

Embora o termo “atração” seja corriqueiro durante as conversas com os interlocutores t-lovers e o discurso sobre a identidade t-lover seja homogêneo, o trabalho de campo revelou que algumas vezes as relações entre t-lovers e t-gatas (o termo t-gata ou t-menina é comumente usado pelos t-lovers para fazer referência às travestis ou mulheres trans) podem ir além de uma simples atração. Observa-se isso através de dois dos nossos interlocutores que afirmaram já terem vivido relações estáveis com t-gatas, envolvendo a criação de laços sentimentais. Nessas relações extraconjugais, os t-lovers envolvidos pagavam todos os custos da casa (aluguel, alimentação, água, luz, internet etc.) e mantinham uma relação de exclusividade com as t-gatas, ou seja, segundo eles, era uma “segunda família”. Todos os demais alegaram realizar programas semanais com as t-gatas e que mantinham o casamento com mulheres cis por conta das normas que definem a masculinidade, pois os vínculos de desejo estão associados ao “mundo t” e as relações ocultadas com as t-menina.





Apesar dos t-lovers entrevistados serem representados pelas falas de Siena e Cobalt, que caracterizaram o que foi chamado de “terceiro gênero”, grosseiramente como “mulheres com pau”, fica evidente que os t-lovers sentem-se atraídos por feminilidades trans e travestis, que escapam dos padrões cisgêneros instituídos. Entretanto, os mesmos sujeitos t-lovers ratificam padrões corpóreos de feminilidade hegemônica ao considerarem inconvenientes e até mesmo inaceitáveis como barba, bigode ou pelos no corpo de uma t-gata. Vale ressaltar que as relações de prazer, nesse contexto, não podem ser lidas através de um modelo cis-heteronormativo o qual atrela sexo, gênero e desejo. A verdade do sexo discutida por Butler (2003) é fundamental para entendermos as constituições do sujeito a partir da genitália, uma das representações mais efetivas do poder à medida que este é naturalizado e adquire status de normalidade. Logo, os binarismos “ativo x passivo” para entender as práticas sexuais são refutados pelos t-lovers, que em todas as nossas conversas relataram como violentas as classificações atreladas à homossexualidade.

Nesse sentido, os “amantes-t” – termo utilizado pelos t-lovers para se autodefinirem – em vários momentos enfatizaram que não se relacionariam com homens cis e que limitar a classificação de pessoas ao desempenho sexual a partir de uma leitura “que cola a verdade do sexo” às genitálias e as posições “ativo x passivo” é uma das faces mais estigmatizantes vividas por eles. Portanto, pouco importa o desempenho do t-lover durante o ato sexual, pois ele pretende, no contexto da heteronormatividade, se distanciar de uma masculinidade condenada socialmente, afastando, para isso, qualquer traço que possa mostrar a “masculinidade verdadeira”.

Butler (2003) considera o gênero como um efeito performático de subjetivação, o qual adquire estabilidade em função da repetição e reiteração de normas. A construção histórica e social das sexualidades pode ser compreendida como um processo de materialização, estabilizado ao longo do tempo, para produzir um efeito de naturalização. Assim, muitas fronteiras performáticas criadas por nossas mentes e naturalizadas socialmente podem sofrer transformações, demonstrando que, embora a identidade masculina padronizada continue hegemônica, debater a existência de múltiplas masculinidades é algo que urge nas mais diversas espacialidades em que os corpos se fazem presentes.

Ao pensar o corpo como a representação de uma dimensão espacial, limitá-lo a um recorte que simplesmente segue normas e regras, a partir de um modelo único e socialmente construído, representa a redução do corpo masculino ao viés dominante imposto pela perspectiva cis-heteronormativa. Este olhar, ainda hoje, dificulta a possibilidade de enxergarmos a existência de homem para além das suas práticas sexuais e corporeidades (LE BRETON, 1992).

Questões que envolvem gênero e sexualidade vão muito além da materialidade e do uso de genitálias. Tentar restringir o jogo do prazer à funcionalidade essencialista dos “órgãos sexuais” pode significar o empobrecimento de uma análise que envolve a obtenção de prazeres em uma dimensão espacial muito mais



ampla. Assim, o corpo de uma mulher trans ou travesti, embora marginalizado socialmente em diversas espacialidades, desperta desejos, atrações e, mais do que isso, satisfaz sexualmente desejos ocultos<sup>4</sup>.

Demonstrar que a existência de múltiplas masculinidades, a partir do contexto do t-lover, vai muito além de corpos, gestos e normas, significa uma tentativa de enxergar além da perspectiva essencialista, é trazer à luz as identidades ocultadas socialmente por indivíduos que tentam se afastar de uma masculinidade considerada marginal. De acordo com o discurso dos nossos interlocutores, mesmo que se sintam “atraídos” por t-gatas, a masculinidade hegemônica está bem definida e, para ser preservada, determina seus comportamentos nas múltiplas espacialidades do cotidiano.

### **Quebrando o espelho: construção relacional da masculinidade**

Ao considerar-se a identidade t-lover como oculta socialmente, verifica-se que ao procurarem pelas travestis ou mulheres trans nos territórios de prostituição ou privês, eles pagam não simplesmente pelo sexo, mas também pelo “silêncio das mulheres trans e travestis”, conforme enfatizou a travesti Afrodite durante uma entrevista em 2019. O anonimato possibilita burlar as “normas” da sexualidade em busca do prazer e da satisfação sexual, sem romper com a performance amparada pela masculinidade dominante, ou seja, um elemento sustentado pelos t-lovers em diversas espacialidades.

Apresentar o t-lover simplesmente como t-lover, sem categorizá-lo a partir de uma perspectiva cis-normatizadora, que o definiria como “viado” por corromper o “símbolo-mor” da masculinidade dominante, a “inviolabilidade anal”, constitui um ponto inicial para que se observe que a masculinidade está muito além da genitália. O diálogo com t-lovers nos conduziu à observação de que dos 10 entrevistados, apenas um único t-lover se recusava a sentir prazer como “passivo”, por isso quando o indivíduo adentra “o mundo t”, o ânus, parte intocável perante a masculinidade hegemônica, é ressignificado mediante as relações de prazer compartilhadas abertamente no interior do grupo.

Como invisibilizam as relações que tensionam os padrões cisnormativos no que tange ao relacionamento afetivo-sexual, socialmente os t-lovers transitam como indivíduos considerados “normais”. No trabalho, em casa, nos bares, restaurantes ou teatros, por exemplo, fazem da reprodução dos pressupostos

---

4 Isso pode ser observado a partir da relação entre o assassinato de mulheres trans e travestis e o consumo de pornografia no Brasil. Para a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), existe um processo histórico de hipersexualização e fetichização em relação aos corpos trans, lidos como fantasia, sem subjetividade, vontade ou desejo, mas sempre à disposição para quem os procura. Muitas vezes, vistos como objetos de desejo, causam simultaneamente repulsa entre quem se percebe compelido a buscá-los ou cogitar envolvimento afetivo ou sexual com pessoas trans. Em especial, as travestis e mulheres transexuais que, não por acaso, são as mais buscadas nos sites pornográficos e também a maioria de 95% entre as assassinadas. (Site: Revista Híbrida. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/2020/05/11/o-paradoxo-do-brasil-no-consumo-de-pornografia-e-assassinatos-trans/>. Acesso em: 30 jan. 2020.

da masculinidade dominante tática de manutenção do *status* no cotidiano, marginalizando corpos que a partir do olhar socialmente elaborado seriam considerados “anormais”.

Assim, a masculinidade hegemônica, em maior ou menor grau, é um dispositivo de controle utilizado nas múltiplas espacialidades do nosso cotidiano. Isso pôde ser observado na fala de alguns interlocutores, homens cis-heterossexuais, após diversas partidas do “tradicional futebol de sábado”<sup>5</sup>. Muitos eram os assuntos envolvendo o comércio do corpo, mas durante dois sábados de outubro de 2018, tínhamos como foco da conversa a agressão a travestis e mulheres trans na Avenida Augusto Severo (Rio de Janeiro). No início da conversa, Dionísio, 42 anos, obteve o apoio de outros 7 homens cis-heterossexuais, que em sinal de aprovação à fala do interlocutor, simplesmente optaram por balançar a cabeça em sinal de acordo às seguintes palavras: *“todos na Augusto Severo” deveriam apanhar para aprenderem a serem homens, inclusive os “viados” que saem para dar a bunda para as travestis*.

Durante o diálogo, Hermes, que tem 29 anos, sentiu-se incomodado e indagou ao grupo sobre o porquê de tamanha preocupação com os homens que saem com travestis. A resposta do grupo veio através de Apolo, o qual possui 32 anos. Para ele: *“homem somos nós que ‘comemos’ mulheres, aquilo ali é tudo ‘viado’, porque ‘dá ou come’ travesti, que é uma aberração. É uma aberração transando com outra aberração!”*.

Através das falas, constatou-se que a maior parte dos interlocutores “futebolistas” dividia a sociedade em dois grupos, “os normais e os anormais”, amparados pela perspectiva que defende a existência de um modelo único de ser. Percebe-se, a partir da naturalização da concepção de gênero, que um modelo social permeado por uma forma razão-moral possui a capacidade de determinar um modelo específico, prefigurado. Para Schöpke (2012), o pensamento torna-se servo dessa moral, transformando-se em algo enfadonho, puramente formal e conceitual. Em vez de ameaçador, inventivo e criador, faz-se melancolicamente um reconhecedor dos valores vigentes, um espetáculo distanciado da vida, sem formas para produzir novos modos de existência.

Para Becker (2009), todos os grupos sociais fazem regras e tentam em certos momentos ou sob alguma circunstância impô-las. Esse conjunto de normas define situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras, consideradas “erradas”, sobretudo pela masculinidade hegemônica que, pautada na cis-heteronormatividade, caracteriza a identidade t-lover como divergente, a qual desafia as normas do modelo único de masculinidade.

---

5 Essas entrevistas foram realizadas por um dos autores do trabalho durante os meses de agosto e dezembro de 2018. A motivação para essas conversas era o uso do espaço o qual era feito território de prostituição no período noturno. Nesse ínterim, foram feitas colocações não apenas sobre as travestis e mulheres trans que se prostituem, mas ganharam centralidade os comentários sobre os clientes que ali paravam. Todas as entrevistas se realizaram em um bar no bairro do Estácio, área central da cidade do Rio de Janeiro. Ao todo foram entrevistados 10 homens que se autodenominaram cis-heterossexuais.



Em um país onde o atual Presidente da República se autodenomina como “imbrochável”, acredita-se que as falas dos homens heterossexuais representem um pensamento dominante, uma vez que a corporeidade socialmente construída possibilita a perpetuação de dispositivos que mantêm de pé um modelo único de masculinidade. Talvez por isso, o discurso predominante entre homens heterossexuais é aquele em que o t-lover nada mais é do que um “viado incubado”.

Ainda buscando compreender as fissuras possibilitadas pelas múltiplas masculinidades e as identidades t-lovers, a partir de outros olhares, realizaram-se entrevistas com oito homens cis-homossexuais. Embora pareça paradoxal, observou-se em Trevisan (1986) que a liberdade homossexual criou novos estigmas e viabilizou o surgimento de valores, bem como de uma “cartilha gay”, tornando mais difícil que muitos indivíduos enxerguem e entendam a sociedade como algo que vai muito além da homossexualidade e da heterossexualidade padronizadas.

Para Poseidon, que tem 45 anos, trabalha como vendedor em uma loja e mora em São João de Meriti (Baixada Fluminense), *“a travesti é um homem transformado em mulher e o cara que sair com ele é tão gay quanto”*. Não muito diferente da fala de Poseidon, para Ares, outro entrevistado que é formado em administração, tem 25 anos e mora de Campo Grande (zona oeste do Rio de Janeiro), os t-lovers *“são todos homossexuais que não têm coragem de se assumir, são gays porque transam com outro homem em forma de mulher. Esses caras são desgraçados. Fazem o papel de bons maridos, bons pais e no fundo gostam de dar o cu”*.

A perspectiva dos dois interlocutores foi reproduzida por mais seis dos nossos entrevistados, homens cis-homossexuais, os quais têm em seus discursos a compreensão de que todos os t-lovers são homossexuais e pertencem a um modelo marginal de masculinidade. Ao alegarem que os t-lovers são gays *“porque gostam de dar o cu”*, os interlocutores reforçam a ideia de que a verdadeira masculinidade está associada à “inviolabilidade anal”, principal símbolo do “homem de verdade” e que deve permanecer intacto<sup>6</sup>.

Buscando ampliar a visão sobre a identidade t-lover e ir além dos interlocutores masculinos, foram realizadas mais oito entrevistas: duas com mulheres trans e seis com travestis entre os anos de 2015 e 2019. A utilização dos relatos tem o objetivo de contemplar a percepção das sujeitas sobre a identidade t-lover e demonstrar as múltiplas posicionalidades envolvidas na temática abordada.

Sempre alegre, comunicativa e espirituosa, Afrodite recepcionou a nós e a Selene (mulher trans) em sua residência, no bairro da Penha, zona norte do Rio de Janeiro. Considerada uma veterana da Avenida Augusto

---

<sup>6</sup> É preciso dizer que não pretendemos homogeneizar as concepções de homens cis-homossexuais, apenas buscamos, a partir das falas, refletir sobre a força de um discurso que reifica abjeções e violências que confluem para desumanização das travestis e mulheres trans, ao passo que estigmatiza os t-lovers os quais se relacionam com elas.



Severo e chamada por muitas de “madrinha”, Afrodite trabalhou por mais de duas décadas como prostituta e conhece como poucas a avenida, dos dias de glória aos da Glória. Atualmente, ela é proprietária de um salão de beleza e trabalha como cabeleireira, próximo à sua residência. Além do salão, possui dois imóveis alugados, os quais, segundo a entrevistada, foram conquistados com o dinheiro ganho na “batalha”, termo utilizado pelas travestis e mulheres trans para se referirem ao território de prostituição.

Desde quando foram dados os primeiros passos na temática abordada, uma relação bem amigável foi criada com a interlocutora. Por conta disso, a entrevista foi realizada em sua própria residência, local no qual pudemos conversar abertamente sobre o “mundo t”, o que possibilitou um momento descontraído, com muitas risadas e histórias. Quando foi perguntado se ela já havia se envolvido emocionalmente com algum t-lover, ela prontamente respondeu:

*“Eu me envolvi com um t-lover durante anos, ele foi maravilhoso para mim, no entanto, como ele é um homem bem-sucedido, ele não pôde assumir o relacionamento para toda sociedade. O que diriam quando ele chegasse às reuniões com uma travesti? Mas ele era muito bom pra mim. Sempre me ajudava, me aconselhava e quando tinham festas de travestis e T-lovers ele sempre ia de mãos dadas comigo. Porém ele conheceu uma mulher e paramos de sair, mas até hoje ele liga para saber como estou e se preocupa comigo” (Afrodite, 2019).*

Através da fala, observou-se que para Afrodite é possível manter uma relação afetiva com um t-lover, porém sem esperar muito desse relacionamento, pois ao mesmo tempo em que ela destaca os diversos pontos positivos do t-lover com quem se relacionou, ela não oculta em seu discurso os limites e tensões dessa relação, reconhecendo as marcas de gênero e sexualidade lançadas sobre o seu corpo. Para Benedetti (2005), ao Afrodite reconhecer que “tem seu corpo quebrado na plástica”, compreende que junto com as formas proporcionadas pelo silicone industrial, seu corpo reproduz marcas as quais a excluíram e a marginalizaram em diversas espacialidades.

Ao criarem novas fronteiras estabelecidas pela bunda ou pelos seios, ser analisada, julgada, excluída e xingada, a partir de um olhar normatizado sobre os seus corpos, faz com que muitas sujeitas interiorizem o olhar inquisitório da sociedade. Devido às violências vividas cotidianamente, não aceitam ter seus relacionamentos, conforme sinalizou Afrodite: “desde quando você costuma ver travestis no mercado fazendo compras com seu marido?”.

A fala da travesti retrata a presença de um sentimento imposto pela abjeção, sentida pelo corpo nas diversas espacialidades ao longo da trajetória de muitas t-gatas, pois segundo nossa interlocutora “a casa expulsa, a escola não aceita e o mercado de trabalho fecha as portas”. Apesar do sentimento de rejeição, o discurso de Afrodite foi compartilhado por apenas mais duas travestis, desafiando os cânones da cis-heteronormatividade, visto que ao se relacionarem com t-lovers reconfiguram as possibilidades de afetividade

e relação amorosa, dando outro tom à masculinidade, quando nas palavras das três entrevistadas: *“tem que ser muito homem para namorar com uma travesti”*.

A próxima interlocutora é Selene, uma mulher trans muito conhecida no eixo Rio-São Paulo, tanto pela qualidade dos seus programas (observada através de relatos de t-lovers no *Fórum Elite Acompanhantes*), quanto por sua atuação política no território nacional. O contato inicial com Selene se deu a partir de amigos que pactuam das mesmas convicções políticas, desejos e anseios. Uma militante aguerrida, envolvida com as questões políticas da cidade do Rio de Janeiro e, atualmente, *“influencer digital”*. Nossas conversas ocorreram em dois momentos distintos: o primeiro encontro para este trabalho aconteceu em junho de 2015, em um tradicional restaurante no bairro da Glória, zonal sul da cidade do Rio de Janeiro; o segundo, em outubro de 2019, em um bar situado na Penha, zona norte do Rio de Janeiro. É importante destacar que essas conversas foram realizadas de maneira formal, configurando o trabalho de campo, mas além desses encontros citados, o diálogo com Selene é constante, quase semanalmente.

Embora já tenha mantido um casamento com um t-lover, para ela, todos, na verdade, deveriam ser chamados de *“t-fuckers”*, pois se interessam única e, exclusivamente, por sua satisfação sexual, vendo as travestis e mulheres trans como *“objetos descartáveis”*, que podem simplesmente utilizar, se *“lambuzar”* e depois *“jogar fora”*. Foi dito inúmeras vezes durante as entrevistas que *“t-lover só quer gozar e ir embora”*.

Por conta do significado que a palavra t-lover adquiriu na vida de Selene, ela disse que, atualmente, não se relaciona emocionalmente com amantes de t-gatas. Para ela, é ruim *“saber que você só serve para satisfazer desejos ocultos de um monte de t-fuckers que viram a cara quando te veem na rua é foda. Você se sente um objeto e desacredita em diversas coisas da vida”*. A narrativa traz em seu contexto algo muito presente na fala de diversos t-lovers – o ocultamento, elemento fundamental para que os amantes t mantenham suas *“famílias dignas dos comerciais de margarina”*. Por isso, pode-se afirmar que eles não pagam somente pelo sexo, também pagam pelo silêncio das mulheres trans e travestis para que seus segredos sejam mantidos entre quatro paredes.

Cabe ressaltar que em diversos momentos Selene traz em seu discurso a noção de que ela é vista como um corpo sexualizado, que pode apenas frequentar espaços relacionados ao prazer dos t-lovers como motéis, privês ou territórios de prostituição, pois, segundo ela, *“o mesmo corpo que é aceito para o prazer sexual, não é aceito para o prazer de beber um chopp ou fazer algum programa ‘mais família’”*. Talvez por isso, de acordo com ela, o t-lover transformou-se em apenas uma fonte de renda, já que *“dizer que me ama, que eu sou espetacular, que fodo pra caralho depois que eu arrombo o cu dos t-lovers, é fácil. Quero ver andar de mãos dadas comigo no mercado”*. Existe outro nome para esse indivíduo diferente de t-fucker? Esse discurso não está isolado, uma vez que esteve presente na fala da travesti Gaia, que durante os trabalhos de campo na



Avenida Augusto Severo considerava os t-lovers como “*peças que se interessavam única e exclusivamente por sexo*”.

Nas falas da travesti Afrodite e da mulher trans Selene, o recorte espacial do supermercado aparece com muita veemência, expressando um misto de lugar desejado e ao mesmo tempo odiado. Observa-se que tal ambiguidade está correlacionada a um espaço que representa qualquer outro comumente frequentado por sujeitos que podem se expor para além do armário, como pessoas que mantêm e formam as famílias tradicionais. Embora as definições sobre a identidade t-lover sejam diferentes, o espaço compõe as relações analisadas, visto que servem ora de vitrine, ora de estratégia de anulação das relações afetivas observadas por todos. No momento em que as travestis têm os seus corpos ocultados em uma relação com um t-lover, este espaço que publiciza as relações também lhes é negado. Ao associarem o espaço em tela à família, ao planejamento da vida, acredita-se que este do mesmo modo materialize formas de violência sofridas por muitas t-gatas.

Por último, utilizaremos a fala da travesti Atena, interlocutora durante a realização do trabalho de campo na Avenida Augusto Severo, no bairro da Glória – RJ, no ano de 2019. Ao ser questionada sobre a identidade t-lover, Atena prontamente respondeu:

*T-lover? Que t-lover? Não existe t-lover! O que na verdade existe é um bando de mariconas, que fingem ser machos, mas na verdade são mariconas. Nos procuram para serem passivonas. Você acha que isso é homem? Fala sério! Você sai com o cara e chega na hora ele empina a bunda, isso é mariconas! (Atena, 2015).*

A fala da entrevistada Atena contempla outra concepção sobre a identidade t-lover, representando uma terminologia pejorativa, extremamente condenada entre os t-lovers. Ao defini-lo como “mariconas”, termo depreciativo que engloba tanto uma performance de gênero afeminada, quanto homens de idades superiores aos cinquenta anos (PUCCINELLI, 2010), a fala da travesti reproduz a hegemonia do modelo cis-heteronormativo. Segundo Benevides (2019), “*se admitirmos essa possibilidade, onde estaríamos colocando as mulheres transexuais e as travestis?*”. Ao reproduzir um discurso normatizado que não aceita as múltiplas masculinidades, Atena anula a sua própria existência e ratifica um estigma que, apesar das relações múltiplas e complexas, se espalha para outras dimensões das relações afetivas.

Através dos discursos de diversos sujeitos e sujeitas, constata-se que o “espelho” responsável por refletir os pensamentos socialmente construídos permanece intacto, límpido e cristalino, servindo para condenar os corpos que ultrapassam as fronteiras instituídas pelos pilares da cis-heteronormatividade, considerando-os anormais, indignos ou até mesmo “impuros”. Em função da compreensão estruturante da linearidade entre gênero, sexo e desejo, é possível observar que mesmo grupos historicamente





marginalizados, marcados pela dor do desprezo, não são isentos de recorrer ao espelho da masculinidade hegemônica para reproduzir novas formas de marginalização.

É preciso “quebrar o espelho” diante de uma sociedade que utiliza o conservadorismo como uma arma para fazer reinar a hostilidade e violência como instrumentos capazes de manter a ordem espacial em nome de um “Deus que criou o homem e a mulher”. Quebrar o espelho e romper com práticas imperativas e identidades essencializadas pode ser um importante instrumento protagonizado por corpos marcados, conforme apontado na perspicaz análise de Benevides (2019). A cada tom definidor de um padrão identitário para o sujeito t-lover, percebemos que os “espelhos” refletem a imagem “do homem escrito com H maiúsculo”, refletindo, por conseguinte, discursos marcados pela força da cis-heteronormatividade. Diante da perpetuação de ideias que recusam a aceitação do t-lover como um modelo de masculinidade, realiza-se a seguinte indagação: qual o espaço do t-lover?

### **Do segredo à constituição de redes: o ciberespaço e o advento do armário coletivo**

Diante de um mundo globalizado, o desenvolvimento tecnológico tem proporcionado o surgimento de novas “teias”, que têm como elemento-chave a vivência do indivíduo no mundo virtual (LÉVY, 1996). No contexto do ciberespaço, a circulação de informações e a oportunidade de viverem novas realidades espaciais alcançaram proporções nunca antes imaginadas e têm possibilitado a humanidade experimentar, vivenciar novas dinâmicas. Com o advento de novas tecnologias de comunicação, as relações sociais vêm passando por rápidas transformações e isso, de forma simples, pode ser observado a partir do elevado número de pessoas que passam a maior parte do dia conectadas, vivendo diferentes realidades. Em Pelúcio (2019, p. 72), observa-se que “esse ‘novo mundo’ mediado por novas tecnologias digitais é tão real quanto o mundo não digital sempre foi”.

Ao verificar que uma nova perspectiva cultural passa a entrelaçar as relações sociais e culturais, Castells (2003) compreende que o termo cultura pode ser observado como um conjunto de valores e crenças que formam comportamentos, padrões repetitivos de comportamentos que geram costumes que são repetidos por instituições, bem como por organizações sociais informais. Na mesma perspectiva, Pelúcio (2019) afirma que, no atual contexto da sociedade, a internet foi incorporada em múltiplas estruturas de construção de significados. Por isso, considera-se que a cultura é uma construção coletiva que transcende preferências individuais e influencia práticas de pessoas no seu âmbito, processo bem presente na dinâmica do ciberespaço.



A internet, com sua virtualidade, tornou-se uma extensão da vida em diferentes espacialidades, favorecendo a integração e o diálogo permanente entre corpos que compartilham posicionamentos, ideais, sonhos e, principalmente, os fetiches. Em Lévy (1999, p. 20) observa-se que:

Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de não-presente, essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Ela vive sem lugar de referência estável: em toda parte onde se encontrem seus membros móveis ou em alguma parte (LÉVY, 1999, p. 20).

A partir da forte presença dessa nova dimensão espacial na sociedade, o filósofo Michel Maffesoli (1988) assegura que a internet consegue unir pessoas desconhecidas de qualquer lugar do globo e organizá-las em “tribos”, porque indivíduos de qualquer local do planeta podem acessar a rede mundial de telas e interagir com outras, independentemente do espaço físico onde elas se localizem. A partir dessa nova dinâmica de comunicação, considera-se relevante pensar os tradicionais conceitos geográficos, pois o ciberespaço pode ser observado como um espaço onde não existem delimitações geográficas, políticas, religiosas ou raciais, onde as pessoas se relacionam com outros semelhantes e aderem a movimentos, grupos, tribos, que interagem entre si de acordo com seus interesses específicos.

Segundo Pimentel e Barbosa (2020), observa-se que o sentimento e a necessidade de pertencer a algo fortalece esse comportamento individual “numa perspectiva coletiva” e, até mesmo, narcisista, que nos remonta à necessidade de sermos aceitos. O sentimento de pertencimento é, dessa forma, conjugado a um ambiente de maior segurança, à possibilidade de expressar opiniões e a contar com o interesse dos demais integrantes do grupo. Uma vez que todos interagem através de assuntos afins, os inseridos nesse grupo se tornam menos inibidos para se posicionarem a respeito de determinado tema.

No presente trabalho, não interessa se essa nova dinâmica representa uma fuga, uma aventura, um disfarce ou até mesmo uma brincadeira. É importante destacar que o mundo on-line pode simbolizar a possibilidade de representar o “eu” em outro espaço, vivenciando um novo cotidiano, com outros discursos e práticas que muito se distanciam do “eu” vivido no mundo off-line. Viabilizando, portanto, o desenvolvimento de redes de solidariedade e compartilhamento de indivíduos que têm na dimensão do ciberespaço um local de convergência, estreitamento e possibilidade de assumir novas identidades.

Durante os trabalhos de campo com os t-lovers, percebeu-se dois medos: o primeiro é o de ser descoberto por familiares e amigos; o segundo, é o de ser considerado “viado”, dado ao exposto que tanto os t-lovers quanto os travestis consideram o “ser gay” ou “ser viado” como elemento depreciativo que opera no sentido de deslocá-los dos polos de gênero aos quais se julgam pertencentes. Ainda que na maioria das



manifestações depreciativas “o gay” e “o viado” apareçam como chacota ou brincadeira, é justamente nas manifestações menos conscientes que o desprezo se evidencia (PELÚCIO, 2007, p. 195). Ambos os medos foram associados à perda da masculinidade, pois ao ser descoberto pela sociedade tudo o que fora construído ao longo da vida pode se desmanchar no ar, tendo em vista que ao ser considerado “viado” (conforme proferido em todas as falas) sua masculinidade é negatizada e o indivíduo passa a fazer parte de um grupo que possui sua masculinidade inferiorizada. Por isso, a virtualização de parte das relações dos t-lovers representa muito mais do que uma fuga, aventura ou um disfarce, mas o ocultamento de práticas e desejos pertencentes a estes sujeitos no espaço real.

O virtual torna-se a possibilidade real de representação do “eu” em uma nova espacialidade, proporcionando a fuga de rótulos e discriminações presentes no cotidiano do indivíduo. Estar em uma comunidade com outros t-lovers representa fazer parte de uma espacialidade a qual possibilita a imersão no “t-mundo”, sobretudo por este propiciar o conhecimento sobre os espaços de prostituição de mulheres trans e travestis representando, segundo Pelúcio (2019), uma forma para que o indivíduo acumule experiências e, supostamente, aprenda a se conhecer de modo mais profundo.

Por isso, defende-se que devido às interdições sociais ou à dificuldade de assumir um tipo de masculinidade ainda pouco aceita, o sentimento de pertencer a uma comunidade fortaleça esse “comportamento tribal” e, ao mesmo tempo, possibilite um autoconhecimento, à medida que o sujeito consiga observar e expressar opiniões sobre algo que, inicialmente, é desconhecido por muitos. Isso seria bastante dificultado se não existisse um espaço no qual houvesse a interação entre sujeitos que possuem diversos assuntos afins, configurando o que podemos chamar de novos armários no mundo contemporâneo. Este é um importante espaço para que um grupo socialmente marginalizado pela masculinidade heterossexual, pela masculinidade homossexual e por algumas mulheres e travestis possa estabelecer laços, trocar informações e se aprofundar sobre uma realidade pouco conhecida no mundo off-line, a dinâmica de prostituição de mulheres trans e travestis nos diversos territórios presentes no Brasil e no mundo.

Para Pelúcio (2007), entre a tensão “do armário” e a excitação, tida como instintivo e incontável, os t-lovers recorrem aos canais que construíram na internet para expressar suas angústias e tirar dúvidas. Dessa forma, a criação de uma comunidade no ciberespaço tem a finalidade de proporcionar maior acesso às informações e em conjunto relatar as múltiplas experiências em programas com travestis e mulheres trans. A partir da popularização da internet, criam-se espaços virtuais capazes de aproximar indivíduos que estão dispostos a dialogar sobre desejos ocultos, ou seja, o ciberespaço funciona como um canal aglutinador entre indivíduos que revelam parte do seu “eu” somente entre pessoas que possuem os mesmos desejos, incertezas e até mesmo angústias.

Pela internet, os homens que gostam de “t-gatas” podem desfrutar de um sentimento de “adequação e normalidade”, sem ter que questionar de maneira mais engajada a ordem cis-heteronormativa. Dessa forma, para Lévy (1996, p. 79), *“a virtualização, em geral, é uma guerra contra a fragilidade, a dor, o desgaste”*. Em busca de segurança e controle espacial, o virtual leva muitos indivíduos para onde os perigos ordinários não os atingem. Nesse caso, a criação de comunidades representa um espaço que oferece segurança aos t-lovers, onde, em conjunto, desenvolvem o sentimento de pertencimento a uma comunidade que compartilha informações e desejos sobre interesses em comum. Partilham informações sobre o contato no mundo real com mulheres trans e travestis.

Através do diálogo com Miskolci (2009), constata-se que uma das características presentes na modernidade tardia é o estabelecimento de contato sem exposição, fazendo com que a rede alce um papel central na vida de boa parte desses sujeitos, a ponto de muitos nem conseguirem se imaginar desconectados do ciberespaço. Ao abordar as salas de bate-papo gay voltadas para o público masculino de São Paulo e do Rio de Janeiro, o referido autor observa que a sociabilidade on-line está intrinsecamente associada à off-line. Embora os objetos de estudos sejam diferentes, a perspectiva destacada por Miskolci (2009) se faz presente nas comunidades de t-lovers no ciberespaço, uma vez que, conforme Pimentel e Barbosa (2020), os territórios de prostituição de todo o Brasil são transportados para a realidade virtual, proporcionando novas dinâmicas no mundo off-line.

A principal comunidade de t-lovers no ciberespaço está situada no ‘*Fórum Elite Acompanhantes*’ e conta com membros de todos os estados do Brasil e de diversos países da América do Sul e da Europa. Nessa plataforma, os t-lovers fazem o cadastro com um apelido, usam uma imagem qualquer e compartilham suas experiências vividas nos inúmeros territórios de prostituição espalhados pelo Brasil e mundo. Através da troca de experiências, os t-lovers estimulam ou desestimulam o contato com algumas mulheres trans e travestis, que são classificadas como “Lista Branca” (LB) ou “Lista Negra” (LN), de acordo com os programas. De uma forma geral, as consideradas LB são as que realizam o programa de forma honesta e cumprem o combinado durante as ligações telefônicas pré-programadas e as LN são as que se envolvem em confusões, as ladras e desonestas que não cumprem o combinado e podem afetar a vida profissional ou pessoal do T-lover, afinal de contas, como todos alegaram, *“o meu maior medo é ir parar em uma delegacia e ser descoberto pelos amigos e familiares”*.

O site também possibilita que t-lovers inexperientes realizem contatos com outros mais experientes e obtenham informações sobre os territórios de prostituição, as melhores t-gatas para a realização de desejos, a geolocalização das t-gatas, entre muitas outras questões, sem que isso seja exposto para os amigos ou para a família dos t-lovers. Por isso, para os amantes t entrevistados, o mundo virtual *“representa a possibilidade de viverem seus desejos, sem serem descobertos ou terem a sua identidade masculina hegemônica ameaçada”*.



Ao se refletir sobre a importância do ciberespaço para a vida social, conclui-se que o armário do mundo contemporâneo, a partir de comunidades aglutinadoras, ainda constitui uma presença formadora. Em Sedgwick (2007), observa-se que para muitas pessoas o armário é uma marca considerada fundamental para a existência de uma vida social. Para os t-lovers, que vivem parte considerável dos seus dias no armário virtual, hoje também presente nos grupos de *WhatsApp*, o ciberespaço possibilita a vivência em diferentes espacialidades que, sem afetar a masculinidade hegemônica, torna-se uma alternativa para não confrontar as regras e normas cis-heteronormativas predominantes nas espacialidades off-line.

Com a presença dos t-lovers no ciberespaço, amplia-se a perspectiva do armário, que durante muito tempo fora associado, principalmente, à masculinidade homossexual. Embora o armário adquira um novo significado, ressalta-se que uma coisa não sofreu mudança, pois ele continua a ser um espaço proposto pela sociedade para ocultar ou esconder masculinidades consideradas marginais ou subversivas. Mas ao se pensar a partir das múltiplas masculinidades, observa-se que o mundo vai muito além da distinção de heterossexuais e homossexuais e, por isso, aplica-se aos sujeitos que se sentem atraídos pelo “terceiro gênero” e vivem um modelo de masculinidade ainda condenado pela cis-heteronormatividade.

Ampliar a representação do armário para compreender as espacialidades que fazem parte de grupos que buscam o ocultamento de determinadas práticas “condenadas” socialmente, principalmente, por indivíduos que, de acordo com as entrevistas, se declaram casados. Entender o ciberespaço como uma ferramenta que possibilita o dilatamento do armário, simboliza a compreensão das comunidades de t-lovers como espaços onde estes sujeitos conseguem viver seus desejos e atrações sem serem condenados ao exílio perpétuo por desafiarem normas socialmente construídas. Assim, se para Sedgwick (2007) o armário representa o espaço em que muitos homossexuais se retraíam e ali guardavam seus desejos por homens, representando uma estrutura definidora da opressão gay no século XX, no contexto do ciberespaço, conforme Miskolci (2009), o armário é o espaço de trocas, afinidades e encontros, não mais um espaço marcado pela solidão.

Ao invés do isolamento, o ciberespaço proporciona a aproximação e possibilita a manutenção de “identidades consideradas secundárias”. O armário do mundo contemporâneo faz do invisível do mundo real um sujeito com liberdade para expressar posicionamentos não aceitos ou não socialmente. Em Castells (2003, p. 48) observa-se que:

Essa liberdade de expressão de muitos para muitos foi compartilhada por usuários da Net desde os primeiros estágios da comunicação on-line, e tornou-se um dos valores que se estendem por toda internet. O segundo valor compartilhado que surge das comunidades virtuais é o que eu chamaria formação autônoma de redes (CASTELLS, 2003, p. 48).



O que é proibido e inaceitável no contexto social, ou até mesmo considerado uma transgressão, passa a ser permitido e tolerado entre os membros de uma comunidade que de forma “abstrata” compartilham relatos. Em Sabatine (2015), observamos que as tecnologias digitais representam um contexto profícuo para paquerar, se relacionar e buscar parcerias sexuais que são construídas em segredo na ordem social. Dessa forma, verifica-se que diante de uma identidade marginalizada pela masculinidade dominante, pela masculinidade homossexual e por mulheres trans e travestis que, de forma consciente ou inconsciente, reproduzem cotidianamente os padrões impostos pelo modelo cis-heteronormativo, o ciberespaço adquire o papel de armário, de espaço aglutinador entre sujeitos que compartilham dos mesmos desejos e angústias, possibilitando o autoconhecimento e uma autoaceitação sobre a identidade t-lover. O armário para muitos continua a ser um espaço da solidão, mas para os t-lovers prevalece como espaço da interação, das trocas, do aprendizado, que dialoga diretamente com o mundo off-line.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho constatou-se que a masculinidade hegemônica pautada pelo modelo cis-heteronormativo continua a ser reproduzida por diversos sujeitos e sujeitas, inclusive por indivíduos que durante muito tempo foram marginalizados pela mesma masculinidade hegemônica que reproduzem e reforçam em seus discursos. Dessa forma, o sujeito t-lover é considerado uma “aberração”, “invertido”, “sem vergonha”, “maricona” ou até mesmo “viado”, uma vez que se relaciona com mulheres trans e travestis e mantém sua identidade intacta em múltiplas espacialidades, pois não traz em seu corpo as marcas dos seus desejos e práticas sexuais. Embora pareça paradoxal, os discursos proferidos conseguem demonstrar a realidade generificada do mundo.

Ao se pensar na complexidade da identidade dos t-lovers buscou-se destacar que, apesar das relações sexuais com t-gatas, nas múltiplas espacialidades em que estão inseridos, eles representam a masculinidade dominante, ocultando para todos os seus desejos e a atração pelo “terceiro gênero”. O medo de serem descobertos é uma constante na vida de muitos, por isso ao se relacionarem com travestis e mulheres trans, eles pagam não só pelo sexo, mas pelo silêncio das suas parceiras.

Diante da necessidade de manter a identidade em sigilo, o ciberespaço emerge como um espaço que ultrapassa diversas fronteiras e integra indivíduos de variadas partes do mundo, pois nos espaços on-line o sujeito t-lover encontra um local de liberdade, fuga das imposições cis-heteronormativas e, ao mesmo tempo, estabelece contato com artimanhas e nuances para viver seus desejos nos territórios de prostituição ou privês.

O armário do ciberespaço surge como espaço específico para compartilhamentos, trocas e conversas entre t-lovers, possibilitando um “novo espaço de vivência” que preza pelo anonimato de sujeitos que



vivenciam e experimentam o “mundo t” sem os olhares repugnantes sexistas e generificados que os condenam na vida cotidiana. Compreender o espaço virtual dos t-lovers como um armário ampliado é um importante passo para entendermos as novas dinâmicas espaciais que, de forma correlacionada, integram os espaços on-line e off-line.

## REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elisabeth. **XY: Sobre a Identidade Masculina**. Tradução: Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BECKER, Howard. **Outsiders – Estudos de Sociologia do Desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BENEDETTI, Marcos. **Toda Feita: O Corpo e o Gênero das Travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSHIMDT, James W. **Masculinidade Hegemônica: Repensando o Conceito**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 21, nº 1, p. 241-282, janeiro-abril, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- GONDIN, Sônia Maria Guedes; FISHER, Tânia. **O Discurso, a Análise de Discurso e a Metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo na Gestão Intercultural**. Cadernos Gestão Social, Salvador, v. 2, n. 1, p. 09-26, setembro - dezembro, 2009. Disponível em: [https://periodicos.ufba.br/index.php/cgs/article/view/31544/pdf\\_1](https://periodicos.ufba.br/index.php/cgs/article/view/31544/pdf_1). Acesso em: 05 set. 2020.
- GONTAREK, Dimas Diego; SILVA, Joseli Maria. **Violência Doméstica e Masculinidades: Uma Análise Geográfica**. Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, v. 11, n. 2, p. 188-207, 2020. ISSN2177-2886. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/rflag/article/view/17588/209209214019>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- LE BRETON, David. **La sociologie du corps**. Paris: PUF, 1992.
- LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva: Por uma Antropologia do Ciberespaço**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- MISKOLCI, Richard. **Machos e Brothers: Uma Etnografia sobre o Armário em Relações Homoeróticas Masculinas Criadas On-Line**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 21, nº 1, p. 301-324, janeiro-abril, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100016/24652>. Acesso em: 03 ago. 2020.
- MISKOLCI, Richard. **O Armário Ampliado: Notas sobre Sociabilidade Homoerótica na Era da Internet**. Revista Gênero. Niterói, v. 9, nº. 2, p. 171-190, 1º. sem. 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30910/17999>. Acesso em: 25 nov. 2014.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 21. ed. São Paulo: Annablume, 2007.
- MORE, Thomas. **A Utopia**. Tradução: Luís de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1997 (Coleção Os Pensadores).
- ORLANDI, Eni Pulcinelli; GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. **O estranho espelho da análise do discurso**. In: COURTINE, Jean Jacques. Análise do discurso político – o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos (SP): Edufscar, 2009.





ORNAT, Márcio José. **Território da Prostituição e Instituição do Ser Travesti em Ponta Grossa–Paraná**. 2008. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território). Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná.

ORNAT, Márcio José. **Território Descontínuo e Multiterritorialidade na Prostituição Travesti Através do Sul do Brasil**. 2011. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

PELÚCIO, Larissa. **Amor em Tempos de Aplicativos: Masculinidades Heterossexuais e a Nova Economia do Desejo**. São Paulo: Annablume, 2019

PELÚCIO, Larissa. **Nos nervos, na carne, na pele: Uma Etnografia sobre Prostituição Travesti e o Modelo Preventivo de AIDS**. 2007. 312f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos (SP), 2007.

PELÚCIO, Larissa. **Sexualidade, Gênero e Masculinidade no Mundo dos T-lovers: A Construção da Identidade de um Grupo de Homens que se Relacionam com Travestis**. In: XII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. 2005, Belo Horizonte (MG), , p. 1–33. Disponível em: <http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/tloversconstrucaoideindentidaderecente.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2017.

PIMENTEL, Ivan Ignácio; BARBOSA, Ana Carolina Santos. Ciberespaço, T-lovers e Travesti: **A Emergência de Novas Dinâmicas no Território de Prostituição de Travestis no Bairro da Glória – RJ**. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 11, n. 1, p. 216 - 236, jan. / jun. 2020.

PUCCINELLI, Bruno. O Shopping Frei Caneca e a Rua Gay De São Paulo: Uma Abordagem Etnográfica. IN: Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos - Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Anais, Santa Catarina, p.1-10. Disponível em: [http://www.fg2010.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277840437\\_ARQUIVO\\_BrunoPuccinelli\[textoFG9\].pdf](http://www.fg2010.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277840437_ARQUIVO_BrunoPuccinelli[textoFG9].pdf). Acesso em: 19 jun. 2021.

RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos. Territórios da Prostituição nos Espaços Públicos da Área Central do Rio de Janeiro. Boletim Goiano de Geografia. Goiânia, v. 15, p. 57 - 79, 1995.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero**. Estudos de Psicologia, 11(1), 65-69, 2006.

SABATINE, Thiago Teixeira. **Travesti Reflexiva: Notas sobre o Facebook e as Práticas Políticas Mediadas Digitalmente**. In: PELÚCIO, L; PAIT, H; SABATINE, T. **No Emaranhado da Rede: Gênero, Sexualidade e Mídia, Desafios Teóricos e Metodológicos do Presente**. São Paulo: Annablume Editora, 2015.

SCHÖPKE, Regina. **Por uma Filosofia da Diferença: Gilles Deleuze, o Pensador Nômade**. Rio de Janeiro/São Paulo: Contraponto/EDUSP, 2012.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A Epistemologia do Armário**. Tradução: Plínio Dentzien. Cadernos Pagu (28), p. 19-54, janeiro-junho, 2007.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias Subversivas: Discurso sobre Espaço, Gênero e Sexualidades**. Ponta Grossa (PR): Toda Palavra, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais**. 13. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade**. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 1986.

## SITES

Associação Nacional de Travestis e Transexuais. Disponível em: <https://antrabrasil.org/>. Acesso em: 30 jan. 2020.

BENEVIDES, Bruna G. **Afinal, homens que se relacionam com travestis ou mulheres transexuais, são gays?** Site: Medium. 03 de Agosto de 2019. Disponível em: <https://medium.com/@brunagbenevides/afinal-homens-que-se-relacionam-com-travestis-ou-mulheres-transexuais-s%C3%A3o-gays-f4fb525450a>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Confidências de um t-lover, Site: <http://www.familiastronger.com/confidencias-de-um-t-lover/>. Acesso em: 20 abr. de 2020.



Fórum Elite Acompanhantes. Disponível em: <https://eliteacompanhantes.com.br/forum/index.php>. Acessado desde maio de 2013 até os dias atuais.